

A INICIAÇÃO À DOCÊNCIA DE JOVENS PROFESSORES NA UNIVERSIDADE¹

NADIANE FELDKERCHER¹; BEATRIZ MARIA BOÉSSIO ATRIB ZANCHET²

¹ Universidade Federal de Pelotas – nadianef@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – biazanchet@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Todo professor passa por diferentes etapas de formação e a fase de iniciação ao ensino é uma delas. As etapas da formação do profissional docente, conforme Marcelo García (1999), apresentam exigências pessoais, profissionais, organizacionais, contextuais e psicológicas. Essas exigências podem ser simultâneas, ou específicas e diferentes a cada etapa da formação. O professor universitário iniciante também é um profissional que passa por tais exigências. Sobre ele e sobre essas exigências é que esteve voltado o estudo aqui apresentado.

O professor universitário iniciante é definido por Feixas (2002) como “um professor jovem, recém-graduado, com alguma experiência profissional e com menos de três anos de experiência docente em uma instituição universitária” (p. 1). Alinhamo-nos com a autora na delimitação de no máximo de 3 anos de experiência docente para o professor que é considerado iniciante. Diferentemente dela, contudo, entendemos que pode ocorrer de esse professor não possuir nenhuma experiência profissional, sequer em sua área de formação.

Dentro da categoria professor universitário iniciante, optamos por estudar aquele que denominamos de jovem. Criamos uma definição e caracterização própria para esse jovem professor universitário iniciante. A condição jovem foi delimitada pela idade máxima de 32 anos, por no máximo 3 anos de experiência docente, pela obtenção do título de doutor há - no máximo - 3 anos e pelos estudos sequenciais de graduação e pós-graduação com o sucessivo ingresso na docência superior. Ademais, nenhum dos jovens professores estudados possuía curso de nível médio na modalidade Normal, de licenciatura ou de formação pedagógica; eram profissionais liberais ou bacharéis que se tornaram professores universitários.

A partir dessas conceituações e delimitações, a pesquisa buscou investigar, analisar e estudar teoricamente os jovens professores universitários iniciantes na tentativa de compreender quem são, como se fazem docentes e o que fazem em aula na relação com os alunos.

O problema do estudo - que acaba refletindo na justificativa dele - centrou-se na seguinte questão: **Quem são os jovens professores universitários iniciantes, como se fazem docentes e como se relacionam com os alunos em aula?** Esse problema desdobrou-se nas seguintes questões de pesquisa: Como é vivenciada a transição de estudante a professor universitário no período da iniciação à docência? Quais as implicações da condição de jovem para o professor que inicia a docência? As recentes vivências estudantis interferem na aprendizagem da docência e no modo como ensinam? Quais são as relações estabelecidas em aula entre os professores e seus alunos de graduação? Quais são as referências para que o jovem professor iniciante atue como professor e organize as suas aulas?

2. METODOLOGIA

¹ Este trabalho apresenta o resumo da tese defendida pela autora no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, em março de 2015.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como contexto a Universidade Federal de Pelotas. A coleta de dados foi feita através de observações de aulas, de questionários com alunos e de entrevistas com seis jovens professores. Esses professores tinham até 32 anos, possuíam até 2 anos e 7 meses de experiência docente, não possuíam formação pedagógica e eram recém-doutores que, após cursar, sequencialmente seus estudos de graduação e pós-graduação, ingressaram na docência superior.

Foram feitas no mínimo 6 observações de aulas de uma turma dos professores pesquisados, com a utilização de um diário de campo. Todos os alunos das 6 turmas observadas foram convidados a participar da pesquisa através do preenchimento de um questionário. No total obteve-se a participação de 146 alunos. As entrevistas individuais com os 6 professores foram agendadas, realizadas em espaços reservados, gravadas e transcritas.

Os dados coletados foram trabalhados através da análise de conteúdo. As interpretações e discussões perpassaram teorias sobre o ensino superior, a docência universitária e a iniciação à docência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apresentação dos resultados e das discussões foi feita a partir de 6 categorias de análises, as quais serão apresentadas brevemente.

A transição de estudante a professor: em virtude de não terem sido preparados para assumir a docência, alguns docentes caracterizaram a transição da condição de estudante para a de professor como “traumática”, “estranha”, “de uma hora para outra”. Consideramos que essa transição é difícil e desafiadora, pois o recém-professor é desafiado instantaneamente a ter sua autonomia docente numa profissão e num contexto de trabalho desconhecidos. Esse processo de transição exige aprendizagens, superação de tensões, enfrentamento das inseguranças e equilíbrio pessoal e profissional por parte do iniciante na carreira docente. Percebemos que alguns professores de maneira mais explícita e outros de maneira mais discreta transitam, ou vivenciam um vai e vem, entre suas condições de aluno e de professor: eles resgatam as suas experiências estudantis para fazerem-se professores; ou, ainda, enfrentam conflitos ou mesclam suas identidades de estudante e de professor. Estão no início de carreira e é nela que vão construindo suas novas identidades, suas identidades docentes.

A condição jovem dos professores: verificamos que a idade não é um fator de padronização ou de causalidade nas formas de ser, de atuar ou de se relacionar com os alunos por parte dos professores pesquisados. Constatamos que essa condição produz nos professores vivências tanto positivas e motivadoras (disposição, identificação com os alunos...) quanto dificuldades e limitações (preocupação com a aceitação por parte dos alunos, reconhecimento pelos pares, pouca experiência...), as quais são vividas em paralelo por esses sujeitos. De maneira geral verificamos que, para os alunos, a condição jovem de seus professores não é um determinante para suas relações. Alguns reconheceram que a condição jovem dos professores faz com que exista uma maior aproximação entre eles. Concluímos que a condição jovem dos professores é encarada por eles tanto como um desafio como uma possibilidade de novas ou diferentes formas de desenvolver as aulas e de se relacionar com os alunos em aula.

A visão dos professores sobre seus alunos: percebemos que a maioria dos professores demarcou que seus alunos possuem características bastante distantes das características dos alunos que compunham as suas turmas de graduação. Tanto

pelas observações quanto pelos questionários e entrevistas, constatamos a diversidade dos alunos e seus diferentes interesses pelas aulas. Alguns alunos reconheceram que seus colegas pouco colaboraram com as aulas e outros delegaram a responsabilidade desse fato aos professores e a suas metodologias. Percebemos que alguns professores possuíam uma visão pouco positiva de seus alunos, tinham uma compreensão limitada da diversidade encontrada na sala de aula e apresentavam poucos recursos didáticos para atuar ante tais situações.

As vivências estudantis dos professores: notamos que elas se fazem presentes em suas formas de ser e de atuar. Os professores apresentaram indícios de que foram alunos responsáveis e comprometidos com os processos de ensino e aprendizagem. Suas vivências estudantis, sejam positivas ou negativas, têm ajudado os professores a fazerem suas escolhas em relação às aulas que desenvolvem. Por terem estado há pouco tempo na condição de estudantes, esses professores apresentavam facilidade em relembrar suas vivências estudantis. Observamos que elas foram lembradas quando os professores descreveram suas práticas de ensino, quando caracterizaram seus alunos e suas relações com eles. De um lado essas vivências dão suporte para que os professores entendam melhor os seus alunos; por outro, elas os intrigam quando percebem os significativos distanciamentos entre as suas condutas de estudante e as de seus alunos.

As relações interpessoais entre professor e alunos: de maneira geral, os alunos classificaram as relações estabelecidas com seus professores como boas e “normais”. Verificamos que no início da carreira os professores estavam angustiados quanto à aceitação que seus alunos teriam deles. Observamos que a maioria dos professores mantém somente uma relação acadêmica com seus alunos. Apenas um professor estabelecia relações mais pessoais com eles, inclusive em ambientes virtuais e extraclasses. Classificamos as relações professor-alunos em: sensível, motivadora, de superioridade, individualista e de parceria. Isso não significa que cada um dos professores mantivesse um único tipo de relação com seus alunos: o caráter da relação variava dependendo das exigências do momento da aula. A relação professor-alunos, em cada caso, era definida por múltiplos fatores: pela personalidade do professor, por seus valores, pelas características da turma, pelo teor da disciplina, pela (in)segurança do professor, pela imagem de professor que tivesse o docente, por marcas de suas vivências estudantis, pela condição de jovem e de iniciante, entre outros. Cada professor, à sua maneira, imprimia um pouco mais ou um pouco menos de aproximação, de distanciamento, de sensibilidade, de humor, de abertura, de parceria, de superioridade e/ou de respeito nas relações estabelecidas com seus alunos. Os professores pesquisados estavam definindo e descobrindo possibilidades de relacionarem-se com seus alunos de graduação; estavam aprendendo a ser e a fazer-se professores também a partir da relação interpessoal que estabeleciam com seus alunos.

A aprendizagem da docência: os professores aprendiam a ser professores essencialmente no e com o próprio exercício profissional. Nenhum deles foi formado professor. Para fazerem-se docentes eles buscavam, por iniciativa própria e de maneira informal, referências e apoio especialmente em ex-orientadores e em professores que também estavam em início de carreira. Construíam seus conhecimentos da docência integrando as distintas experiências que possuíam, usando seus próprios recursos pessoais. Observamos que o tempo de experiência docente é um fato que imprime maior confiança e segurança profissional aos professores. Percebemos que eles se mostravam receptivos a iniciativas de formação docente e de reflexão sobre suas práticas, queriam ser escutados, mostravam vontade de dialogar e de aprimorar-se profissionalmente.

As aulas desenvolvidas pelos professores: alguns alunos apontaram, e observamos o mesmo, que o caráter das disciplinas e a forma como o conteúdo era trabalhado em sala influenciavam em sua participação em aula. Sem determos-nos em uma análise sobre o efeito das práticas realizadas pelos professores, constatamos que o desenvolvimento das aulas ocorria essencialmente pela improvisação, pela imitação ou negação de modelos e pelo ensaio e erro. Alguns, ao contarem-nos como ensinavam, ressaltaram que não sabiam se aquela era a melhor forma de fazê-lo. A partir de suas próprias experiências, das capacidades e condições que apresentavam, os professores iam organizando e reorganizando as suas formas de fazer as aulas, em busca de seus estilos de desenvolver o ensino. A prática era a única possibilidade de esses professores aprenderem a ensinar. Na maioria dos casos, desenvolviam aulas expositivas, o que garantia seu desempenho, o “vencimento” do conteúdo e a gestão da aula, pois os alunos pouco influenciavam no andamento da aula. A inexperiência e insegurança de muitos professores faziam com que eles se preocupassem prioritariamente com o ensino (desenvolvendo aulas principalmente com o uso de slides), em detrimento da aprendizagem dos alunos. Por estarem em processo de aprendizagem da docência, por desconhecerem possibilidades de ensino, de uma maneira geral os professores não protagonizavam práticas inovadoras. Somente um dos professores adotava como metodologia de ensino aulas expositivas dialogadas, demonstrando grande domínio de conteúdo, segurança ante a turma e preocupação quanto ao entendimento por parte dos alunos. Alguns professores notavam o pouco interesse dos alunos pelas aulas, apresentavam vontade de diferenciar suas práticas, mas não sabiam o que fazer para superar essas angústias.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que com a experiência, com uma maior segurança profissional e uma maior segurança quanto aos conteúdos que ensinam, esses professores terão melhores condições para olhar as metodologias de ensino que utilizam e as aprendizagens de seus alunos.

O estudo permite afirmar que os jovens professores universitários iniciantes, na transição de estudantes a professores, se fazem docentes através das descobertas e desafios de suas práticas, do resgate de suas experiências estudantis, da relação que estabelecem em aula com seus alunos, de modelos e antimodelos de professores, das inseguranças e motivações para ensinar. Assim, eles vivem experiências intensas, mas mantêm um equilíbrio pessoal e profissional.

5. REFERÊNCIAS

FEIXAS, M. El profesorado novel: Estudio de su problemática en la Universitat Autónoma de Barcelona. **Revista de Docencia Universitaria**. Murcia, v. 2, n. 2, 1 p., 2002.

MARCELO GARCÍA, C. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Tradução de Isabel Monteiro. Porto: Porto Editora, 1999.